

A CIDADE FEITO UM RIO: JAGUARÃO NOS LIMITES DO IMPOSSÍVEL¹

JULIANA DOS SANTOS NUNES¹; FLÁVIA MARIA DA SILVA RIETH²

¹Universidade Federal de Pelotas – rodaviva.nunes@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – riethuf@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

“Se eles estão sempre comigo, se um dia voltarem comigo até aqui e se arrepiarem como eu ao rever aqueles telhados, ao divisar este rio, ao percorrer nossa ponte. Se eles têm olhos para a vastidão dos campos, têm ouvidos para toda gente; enfim, eles têm coração para tudo, sensíveis à simplicidade e à beleza, ao encantamento e ao mistério, ao amor e à paixão – que a magia dos arrabaldes e dos pueblos aqui revela.” Aldyr Garcia Schlee, O Outro Lado: Noveleta Pueblera.

A presente pesquisa tem a finalidade de investigar as relações entre o Rio Jaguarão e a cidade homônima, a partir dos referenciais teóricos e metodológicos da antropologia, tendo a interlocução de pescadores e pescadoras que atuam na pesca artesanal.

A cidade de Jaguarão está situada na fronteira sul do Brasil com o Uruguai, fazendo divisa com Rio Branco. A ocupação territorial se deu em meados do século XVIII em meio a intensas disputas territoriais e assinaturas de acordos e tratados para a delimitação do espaço, entre as coroas de Portugal e Espanha². Essas contendas passaram pelos limites aquáticos da fronteira, lembrando que durante o período cisplatino não havia tal delimitação, ou seja, toda essa região era “uma terra só”: “a região chamada Cisplatina foi anexada ao Brasil em 1821 e Jaguarão deixou de ser uma cidade de fronteira internacional” (DEMUTTI, 2015, p.25). Dessa forma ocorreram intensas trocas não somente comerciais, mas também culturais e sociais.

Mais ainda, é a partir dessas águas que podemos evidenciar as profundezas de Jaguarão, uma cidade feita de movimentos, de trânsito de pessoas e coisas, pois a cidade é: “feita essencialmente de movimento. [...] este movimento é o de fazer-cidade.” (AGIER, p. 484).

Nesse sentido podemos trazer à baila uma antropologia da cidade a partir de suas margens, como propõe Michel Agier: *“podemos então dizer que a antropologia em geral se torna antropologia da cidade no sentido de uma experiência localizada de descoberta e conhecimento.”* (p. 35). Essa cidade “vivida, sentida e em processo” é um lugar feito pelos seus cidadãos, como pontua Agier: *“deslocar o ponto de vista da cidade para os cidadinos [...] ver a cidade como vive [...] sobre o que é a cidade – uma essencial inatingível e normativa – para a pergunta sobre o que faz a cidade.”* (p.38).

Essa pesquisa ainda visa pensar a cidade de Jaguarão e o rio homônimo a partir das categorias ontológicas, ou do chamado *giro ontológico* sob a luz dos estudos de Philippe Descola (2015), Eduardo Viveiros de Castro (2004), Martin Holbraad (2014), Marisol de la Cadena (2008), tendo o rio feito uma entidade, como um “sujeito participante das relações sociais [...] não havendo, portanto, pesada discriminação ontológica entre humanos e não humanos” (SÁ JÚNIOR, 2014, p. 18).

¹ Título surgiu a partir de um sonho e do livro de Aldyr Garcia Schlee Os Limites do Impossível: Contos Gardelianos.

² Nesse caso estamos falando do Tratado de Santo Idelfonso assinado em 1.777.

2. METODOLOGIA

A metodologia proposta para a presente pesquisa tem como finalidade a construção de uma etnografia, explorando-a amplamente, em toda a sua potencialidade de produção do conhecimento: “*etnografia não é método; toda a etnografia é também teoria [...] se é boa etnografia, será também contribuição teórica.*” (PEIRANO, p.383, 2014). O método escolhido é a observação participante (Foote-Whyte, 1975), com o intuito de buscar uma melhor aproximação com os interlocutores e interlocutoras.

Pensa-se, também, nas categorias que levam ao deslocamento do olhar, ou como refere Tim Ingold (2015) na educação do olhar, trazendo as sensações corporais e sensíveis para dentro do diário de campo, a partir das “caminhadas etnográficas” a fim de perceber o entorno que circunda as águas, indo ao encontro dos movimentos cotidianos, observando e sentindo os processos desses saberes ligados à água e suas relações com a cidade.

Colocar uma metodologia a partir do *giro ontológico*, como uma forma de reflexividade para o campo antropológico, mas também como um *modus operandi*: “*que esta reorientación metodológica implica, llamando la atención en especial a la inversión básica que implica entender el problema del cristal con el que se mira como un problema ontológico.*” (p.132).

Além disso, pensar a pesquisa a partir do uso de imagens e a construção de Diários Gráficos que auxiliam sobremaneira a compor e a *montar* a narrativa etnográfica a partir da confluência entre as diversas linguagens: fotografias, desenhos, poesias e pequenos textos fluindo em outros formatos linguísticos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Era um sábado de sol intenso quando cheguei ao Sindicato dos Pescadores de Jaguarão, o letreiro quase desaparecendo, uma tinta apagada pelo tempo e as chuvas, as intempéries. A sede fica ao lado da Ponte Internacional Mauá, próxima ao presídio municipal. Interessante ressaltar que essa localidade se situa onde antes era a antiga Rua dos Pescadores.

O primeiro encontro se deu com o pescador Olimar, que se considera um nativo, pois vem de uma linhagem de homens que trabalham nas águas, o pai era marítimo e foi um dos fundadores do sindicado ao qual hoje ele preside.

Esse grupo pertence ao que se chama de pesca artesanal ou pesca em pequena escala e geralmente está vinculado a um grupo familiar, onde homens e mulheres trabalham diretamente com os vários processos da pesca, desde a captura propriamente dita, à limpeza do animal, conserto das redes e barcos.

Para sr. Olimar a pesca é uma espécie de encantamento, de estar em um lugar do sensível e do envolvimento: “*a pesca é um encantamento, quando tu entra na água tu te sente o dono do mundo.*”

A relação dele se dá em diálogo com esses seres que habitam as águas e também pratica um modo de saber e fazer com o rio, não somente predar, mas respeitar os momentos nos quais estão proibidas a pesca: “*tem que conversar com os bichos primeiro, não pode chegar na água de primeira.*” Segue contando seu processo: “*quando vou pescar eu durmo primeiro e eles me chamam.*”

Durante o encontro com o sr. Olimar, figura de grande eloquência e poder de discurso, o mesmo utilizou diversas metáforas vindas do seu modo de viver e estar no mundo, ou seja, comparava os problemas sociais e políticos ao meio

aquático, dessa forma é compreensível que se considere um nativo e exerce a atividade sindical como se estivesse dentro do seu barco chamando pelos peixes.

Depois desse encontro, que ocorreu nos primeiros meses deste ano, houve um período de grande silêncio, justamente por que os encontros com os interlocutores e interlocutoras se deram de maneira a respeitar o tempo das águas e os fluxos da pesca (especialmente peixe-rei), um tempo que não pode ser medido a partir dos relógios, ou seja, a partir de uma lógica cartesiana e terrestre.

Assim, em meados de junho visitei uma pescadora pertencente a Colônia Z 25, igualmente em Jaguarão, uma luta liderada por mulheres, em especial a dona Rosa (sobre a formação da Colônia ver Kênya Paiva, 2016) e evidenciando o caráter familiar, pois as pescadoras e pescadores estão ligados por estreitos laços de parentesco.

Michele, pescadora artesanal, casada com um dos filhos de dona Rosa, acompanha seu marido em épocas de pesca: “*fico embarcada 7 dias com meu esposo*”, contou-me, além de executar tarefas consideradas de mulheres. Sua fala se deu muito no intuito da preservação do meio ambiente, deixando clara sua denúncia sobre a contaminação do rio e do quanto isso tem prejudicado sobremaneira o modo de viver e a pesca na região.

As granjas de arroz na Barra do Jaguarão depositam herbicidas sem tratamento diretamente nas águas e segundo Michele: “*a preocupação de todo mundo é a poluição do rio, existe um descaso com o rio.*” Além do veneno, Michele aponta também para a questão da falta de tratamento do esgoto, o qual cai todo no rio.

Ainda sobre esse assunto, outra pescadora também coloca o tema da contaminação, Juliana vive da pesca artesanal junto ao seu núcleo familiar e conta o quanto difícil e solitária é a vida de pescador: “*viver a vida de pescador, é uma vida sofrida, é um trabalho solitário.*” Ao relatar sobre as adversidades ela acrescenta: “*se tua água acaba [quando está pescando na Lagoa] tu tens que tomar a água da lagoa e às vezes ela nos faz mal por causa do veneno.*”

Portanto, há ainda uma série de materiais e narrativas para compor o que se pretende neste estudo, evidenciar essas experiências a partir do convívio mais intenso com pescadoras e pescadores no verão quando a pesca se dá no Rio e onde algumas mulheres atuam com mais frequência, a fim de perceber a relação com a água, a cidade, a fronteira e a pampa.

4. CONCLUSÕES

Pode-se perceber a partir do campo, ainda em andamento, o quanto essas narrativas, ligadas às águas doces, à Lagoa e ao Rio, apresentam uma forma peculiar, porém não desconhecida, de habitar a pampa sul-rio-grandense, mostrando as particularidades e adversidades de se viver da pesca e especialmente, sob o regime das águas.

Neste sentido, se nota que há uma pampa pluriversa, na qual um *modus vivendi* aquático é evidenciado a partir dos/as pescadoras, ou seja, há uma cidade, uma fronteira e uma pampa sendo praticada (Certeau, 1998) que difere da visão tradicional e homogênea que se tem da pampa como um lugar da pecuária em campos lisos, como a que é apresentada pela pesquisa do INRC do Alto Camaquã nessa afirmação de Rieth (2019):

“A paisagem do Pampa caracteriza-se pela diversidade do seus campos: lisos, de pedras e os campos de banhados. A afirmação dos/as trabalhadores/as da pecuária de que: “camperiar em campos de pedra é diferente de camperiar em campos lisos”, nos conduz a um

questionamento das narrativas acerca da homogeneidade da paisagem pampeana.”

Portanto, é possível notar essa “reunião de vidas” como bem coloca Ingold, esse movimento do fazer-cidade que Agier explicitava, mas um saber-fazer através de uma perspectiva ecológica e de resistência, tanto das maneiras tradicionais do habitar, como da própria forma de adquirir o sustento, apresentando diferentes temporalidades e construindo um lugar-saber distinto e plural.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-se cidade. O antropólogo, a margem e o centro. **Mana** 21 (3): 483-498, 2015.
- CERTEAU, Michel De, **A Invenção do Cotidiano**: Artes de Fazer. Editora: Vozes, Petrópolis, 1998.
- DEMUTTI, Clayton Nascimento. **Jaguarão, suas águas e o Tratado de 1909**: uma reflexão a partir das charges da revista careta. Trabalho de Conclusão de Curso. História Licenciatura. Universidade Federal do Pampa – Jaguarão, 2015
- DESCOLA. Philippe. Más allá de la naturaleza y de la cultura. **Cultura y Naturaleza**: aproximaciones a propósito del bicentenario de la independencia de Colombia. Bogotá, 2015.
- FOOTE-WHYTE. Willian. “Treinando a observação participante.” In: A. Zaluar (org.) **Desvendando Máscaras Sociais**. Francisco Alves Editora, Rio de Janeiro, 1975.
- HOLBRAAD, Tres provocaciones ontológicas. **Ankulegi** 18, 2014, 127-139.
- INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 21, n. 44, p. 21-36, 2015.
- _____ Trazendo as Coisas de Volta à Vida. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n.37, p. 25-44, jan./jun. 2012.
- JÚNIOR, Luiz César de Sá. Philippe Descola e a Virada Ontológica na Antropologia. **Ilha**, Florianópolis, v.16, n.2, p. 7-36, ago/dez, 2014.
- LAINETTI, Bruno Gianasi; Seifert Junior, Carlos Alberto; Ferreira, Luis Felipe de Mendonça; Oliveira, Alan de Oliveira; Farina, Eduardo; Tagliani, Carlos Roney Armanini. A Gestão Ambiental em áreas de fronteira: estudo de caso nos municípios do Chuí e Jaguarão, RS, Brasil. **Universidade Federal do Rio Grande**, Rio Grande, 2009.
- PAIVA, Kênya Jessyca Martins de. As mulheres e a construção da Colônia de Pescadoras Z25 em Jaguarão/RS – 2005. **Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**. V. 2, Ed especial, dezembro de 2016.
- PEIRANO. Marisa. Etnografia não é Método. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 20, n.40, p. 377-391, jul./dez. 2014.
- PÉTONNET, Colette. Observação Flutuante: O exemplo de um cemitério parisiense. **Antropolítica, Revista Contemporânea de Antropologia**, Universidade Federal Fluminense. Niterói, n. 25, 2º sem. p. 99-111, 2008.
- RIETH, Flávia Maria Silva; Lima, Daniel Vaz; Herrmann, Miriel Bilhalva. “Camperiar em campos lisos é diferente de camperiar em campos de pedra” e de banhados: uma etnografia das paisagens da pampa brasileira. **XIII RAM**, Porto Alegre, 2019.
- SCHLEE, Aldyr Garcia. **Os Limites do Impossível – Contos Gardelianos**. Editora Ardotempo, Porto Alegre, 2009.